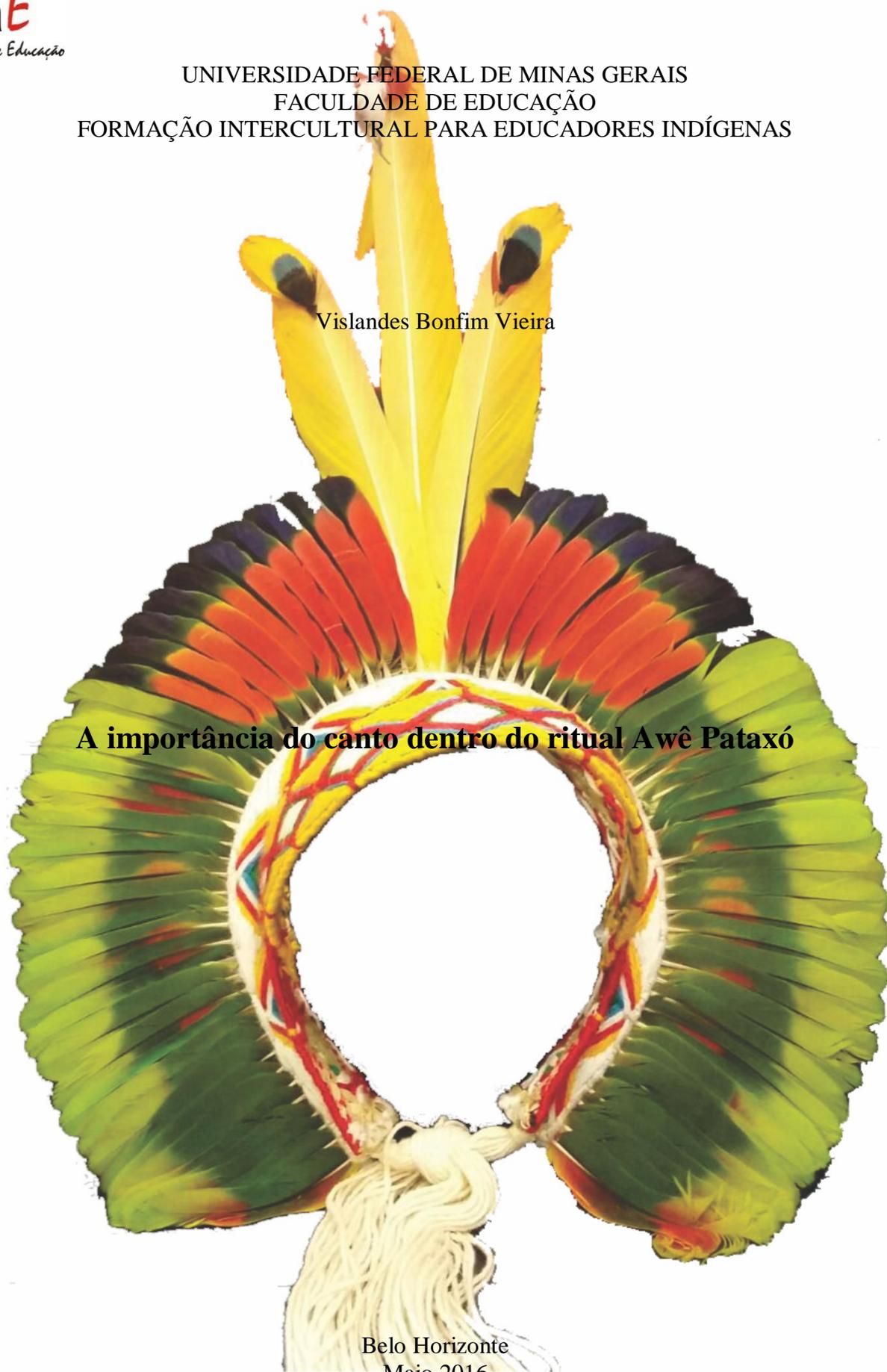


Vislandes Bonfim Vieira

A importância do canto dentro do ritual Awê Pataxó

Belo Horizonte
Maio 2016



Vislandes Bonfim Vieira

A importância do canto dentro do ritual Awê Pataxó

Trabalho de conclusão de Percurso Acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Línguas, Artes e Literatura/LAL, pela Formação Intercultural de Educadores Indígenas FIEI.

Orientador: Prof. Dr. Marco Scarassatti.

Belo Horizonte
Maio 2016

Dedico este trabalho a minha família que me apoiou, em especial, a minha Mãe Sidimar; ao meu Povo PATAXÓ que resiste até aos dias de hoje mantendo viva a nossa cultura. A minha comunidade de Barra Velha, as lideranças em geral que acompanharam esse período de aprendizado, aos meus entrevistados que colaboraram com suas falas, e à turma de Línguas, Artes e Literatura e ao corpo docente do FIEI.

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer à Deus por te me dado todas as condições de poder finalizar este trabalho, A minha mãe Sidimar Maria de Brito Bonfim, ao meu pai Waldy Lima Vieira, a meus irmãos, Cleiverti, Waldy filho, as minhas irmãs, Geane, Genilza, Vanessa, Clélia e Vanuzia, por terem me ajudado diretamente neste trabalho. Enfim a cada um dos familiares que me apoiaram.

Agradeço às pessoas que se disponibilizaram a dar as entrevistas, a minha comunidade Pataxó Barra Velha, às lideranças e cacique que sempre estiveram junto acompanhando nesta caminhada, e aos meus colegas de classe e, principalmente, da minha aldeia, sendo eles Grazy, Txihí, Thiago e Saniwê da aldeia MuãMimãtxi, por serem meus parceiros durante essa jornada.

À Universidade Federal de Minas Gerais, por ter aberto às portas para os universitários indígenas na faculdade de Educação (FaE), e aos professores e bolsistas do FIEI, em especial ao Gustavo Tanus, por me ajudar na finalização deste trabalho, a coordenadora Maria Gorete Neto e ao meu orientador e professor Marco Scarassatti.

Agradeço a cada um dos meus colegas e amigos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta monografia.

Resumo em Língua Patxôhã

Etakô akôêg mê'á iê âksug'xó ãpã pôkâkey txótrioká'xó úpã heuhá apiba'txê âkgaré iõp suniatê nakíyã Pataxó, suniatê'txê pâx Awê Heruê. Iê pôkâkey âgwê'xó iê awakã txó hãhãhãe Pataxó, nugãp pãgêhe pakhê txê, pakuixê'nuk iõ Awê Heruê. Iõ Awê Heruê mê'á patxitxá'txê hũ suniatê, mãgute ãg ãgurá kiôia dxá'á petõ'i'xó akãtxê upã pakhê Pataxó. Akãtxê upã pakhê Pataxó, iõ suniatê petõi iktôy nitxi nioktoiná, iakatã mê'á topehê dxá'á ûmip'xó iõ Awê Heruê, iê pawakã, iõp txoarã ãtxenere nakíyã ãg iê pawakã ãpú ikhã. ãpú armonê mõdxê, ãg ká'txê iõp suniatê txó Awê Heruê, txahãtê'txê ãpú Kanã pamixuãy âkgaré iêp kõpokixáy txó ptaputarí.

Resumo em português

Esse trabalho é o registro da pesquisa de percurso acadêmico realizado sobre os cantos tradicionais Pataxó, cantados durante o ritual do Awê. A pesquisa procurou retratar a história do povo Pataxó, suas práticas culturais, em especial um de seus principais rituais, o Awê. Este ritual é composto por cantos, alimentos e outros elementos e práticas constitutivas da cultura Pataxó. Dentre essas práticas, o canto possui uma importância central nessa manifestação cultural, pois é ele que traz ao rito, as narrativas, os mitos de origem e as histórias de luta. Dessa forma, foram coletados os cantos e seus significados, seguidos por comentários feitos a partir da análise das falas dos entrevistados.

Palavras chave: Cantos Pataxó; Significados; Ritual Awê.

Sumario

INTRODUÇÃO AO TEMA DE PESQUISA	8
Perfil dos entrevistados	9
1. CAPÍTULO 1: O POVO PATAXÓ.....	12
1.1 Plano de genocídio contra o povo Pataxó.....	13
1.2 Dispersões das aldeias Pataxós	15
1.3 Barra Velha hoje e suas manifestações culturais	16
1.4 Influências de outras culturas dentro da comunidade Barra Velhas	17
2. CAPÍTULO 2: AWÊ.....	18
2.1 A preparação para o Awê	20
2.1.1 Vestimenta.....	21
Massaká.....	21
Urataká (cocar)	22
Tupsay	23
2.1.2 Alimentos.....	24
Kawĩ.....	24
Chá.....	25
Mukeka	26
Paçoca	27
Beijú.....	28
Kuiúna.....	29
2.1.3 Inalantes:.....	30
Kuhú (rapé)	30
Timbero (Cachimbo).....	31
A Fogueira.....	32

2.1.4 Instrumentos musicais usados.....	33
Marakãyñã (maracá)	33
Tambor.....	34
Arco e Flecha.....	35
A Pisada e a Voz.....	36
2.1.6 O canto.....	37
2.1.7 O ritual.....	37
3. CAPÍTULO 3: CANTOS COLETADOS	38
3.1 Oração	38
3.2 Antigas.....	38
3.3 Cantos mais recentes	42
3.4 Cantos de encerramento	46
3.5 Hino Pataxó	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO AO TEMA DE PESQUISA

Dentre as práticas culturais que definem nosso povo Pataxó, uma delas é o Ritual do Awê. Nesse ritual participam todos os membros da aldeia dançando, pintando seus corpos, comendo e bebendo nossas comidas típicas, e cantando. O canto tem um papel central e meu interesse de pesquisar a importância que tem dentro do Awê. Esse interesse surgiu justamente quando eu percebi que algumas pessoas dentro da comunidade, durante a preparação do ritual, estavam dando pouca importância para a força que ele tem em si, e para a força que ele nos dá como povo. Por isso pensei em discutir, nesse trabalho, a importância da prática do canto dentro do Awê, procurando buscar seus significados e registrando a história de cada um deles. Quis mostrar que estar participando do ritual, não é somente pelo cantar em si, mas que pela força maior quando se canta.

Para isso, era importante discutir a essência desses cantos dentro do Awê e o porquê não podemos deixar de cantar cada um deles e também mostrar que essa força está presente, desde preparação do alimento às pinturas corporais. Assim, o canto dentro do ritual é o foco desse trabalho, e minha preocupação é que no futuro o cantar das músicas entoadas no ritual, venha a perder de vez essa força.

Dessa forma, estarei especificando quais cantos são essenciais no ritual, e qual importância de cantar cada um deles e os seus significados. Espero que, com isso, possa aumentar a compreensão de sua importância para nosso povo e, assim, desperte o interesse dos jovens de participar do ritual e de sentir a mesma energia que sentimos, para, assim, fortalecer cada vez essa prática. E por haver poucos registros dessa característica de trabalho é importante ser levado às escolas como forma de manter a cultura viva, tornando, possivelmente, esse material como fonte de pesquisa para os estudantes e os demais que acharem que o trabalho possa ser importante.

Perfil dos entrevistados

Para a realização desse percurso, contei com ajuda de algumas pessoas que aceitaram contribuir para a construção deste trabalho. Pessoas de algumas aldeias Pataxó interessadas na cultura e que tem conhecimento das nossas práticas culturais, em especial do Awê. Meu objetivo não foi apenas entrevistar pessoas da minha aldeia e nem só anciãos, mas também ouvir outras vozes, pois é importante saber o conhecimento de jovens e pessoas de outras aldeias para saber qual relação eles têm com o ritual. Com essas pessoas aprendi mais do que eu esperava, isso foi proveitoso e gratificante pra mim. Consegui muitas informações através de conversas informais, em que usei o gravador e a câmera do celular, e fiz diversas anotações no caderno. Participei de rituais e gravei cantos para ouvir melhor e até mesmo transcrever. Em algumas filmagens, contei com a ajuda de amigos. Destaco aqui os colaboradores que foram as fontes para esta minha pesquisa, e que por meio de suas vozes pude construir esse trabalho. São eles:

Naktamaniã Pataxó



Inglis Sales dos Santos, 22 anos, moradora da aldeia Meioda Mata, Porto Seguro/BA, é professora de Patxôhã. Jovem integrada e dedicada à cultura Pataxó, sempre acompanhou os costumes e tradições da aldeia e a luta do povo, que é diária. Ela é uma das representantes das jovens lideranças Pataxó e, recentemente, universitária do FIEI/FaE/UFMG.

Jitai Pataxó



Anaidia Ferreira Nascimento, 62 anos, moradora da Aldeia Barra Velha, Porto Seguro/BA, é filha do ex-cacique Tururim. Ela, que é uma pessoa que acompanha a luta do povo Pataxó e que sempre pratica a cultura e rituais da aldeia, é tida como referência dentro dos cantos Pataxó, pois sua voz inconfundível sempre esteve presente nos rituais.

Tohõ Pataxó



Moisés dos Santos Santana Ferreira, 28 anos, morador da Aldeia Pé do Monte Porto Seguro/BA, é professor de Patxôhã. Jovem guerreiro, integrado e dedicado à cultura Pataxó, pratica os costumes e tradições da aldeia, presidente da Associação Pataxó da Aldeia Pé do Monte, é membro do grupo jovem da aldeia, um exemplo de vida para os mais novos em sua comunidade por sua dedicação ao ensino da língua Patxôhã e pela luta pela melhoria de sua aldeia.

Raonir Pataxó



Raonir Braz Vieira, 27 anos, morador da Aldeia Barra velha, Porto Seguro/BA, é universitário do IFBA, professor de Patxôhã, vice-cacique da Aldeia Barra Velha, desde sempre vem acompanhando as lutas pelas terras, pela reconquista da língua Patxôhã. Praticante da cultura, costumes e tradições da comunidade Pataxó, um dos representantes no grupo de cultura da aldeia, e representante dos povos indígenas do Brasil, em Portugal. É vencedor mundial de arremesso de lança.

Kanátyo Pataxó



Salvino dos Santos Braz, 55 anos, morador da aldeia Muã Mimãti, Itapecerica/MG, é professor de história, guerreiro dedicado à cultura pataxó, sempre acompanhou os costumes e tradições da aldeia e sempre acompanhou a luta do povo. Licenciado em Ciências da vida e da Natureza, pelo FIEI/FaE/UFGM, é autor de vários cantos pataxó, artista, compositor e escritor de literatura.

1. CAPÍTULO 1: O POVO PATAXÓ

Antes dos estrangeiros invadirem o Brasil, nós Pataxó, assim como outros povos que já existiam aqui no litoral do extremo sul da Bahia, nos autodenominávamos, não como ÍNDIOS, mas como TAPUÏAS. Da mesma forma, esse litoral no qual vivíamos e ainda vivemos, hoje é conhecido como “Costa do Descobrimento”, isso considerada a perspectiva histórica do colonizador.

O povo Pataxó sempre andava com os Maxacalí, o povo do canto sagrado, ajudavam uns aos outros na hora em que seus inimigos vinham para atacar. Eles eram inimigos do povo Botocudo. Os povos botocudos eram índios altos e fortes, enquanto os Pataxó eram pequenos, mas em compensação eram melhores arqueiros. Já os Maxakali, assim como os Puri e os Gamelão,¹ eram povos amigos dos Pataxó e se comunicavam através de imitações de cantos de pássaros e, quando não havia canto, eles já sabiam que eram seus inimigos que estavam chegando. Como os povos indígenas são nômades, alguns desses povos ficaram distantes uns dos outros formando suas próprias aldeias. Houve muita mistura entre os povos, pois quando os inimigos conseguiam capturar outros povos, eles os faziam de escravo e na maioria das vezes pegavam suas mulheres para levá-las para suas aldeias fazendo-as se submeter a eles e, muitas vezes engravidando-as.

Na aldeia Barra velha há poucos Pataxó puros, pois houve misturas também entre os povos que eram seus aliados. Essa mistura de etnias também implica na constituição da língua Pataxó. Portanto, a convivência desses povos trouxe também uma mistura de palavras, além dos aspectos físicos das pessoas. Hoje, na comunidade, todos são conhecidos como Pataxó, pois não há mais claramente outras etnias no território, sendo o Pataxó, hoje, é resultado da mistura desses povos que conviveram historicamente nessa região, tantos os considerados irmãos, como os considerados inimigos deles.

O povo Pataxó sempre viveu no litoral, desde tempos imemoriáveis, se alimentando de caças e mariscos. Quando em certo lugar acabava a reprodução dos

¹Segundo relato de Ananías Pataxó, tanto os Puri, quanto os Gamelão, são povos que andavam com os Pataxós, mas que hoje não existem mais como povo. Ainda segundo a descrição dele, os Gamelão eram mais altos, fisicamente que os Pataxó.

alimentos, eles andavam até encontrar outro lugar com fartura, sempre foi assim e por isso existiam conflitos internos entre esses povos.

Além das brigas internas, tivemos que resistir por três séculos para finalmente reconquistar o lugar desejado. Vieram as homologações das terras indígenas a partir da luta dos anciões da aldeia, que sempre lutaram para garantir o lugar que hoje já está em vias de reconquista. A maioria desses anciões infelizmente já faleceu, como: Luiz Capitão, Teodomiro, Cassiano, dona Josefa, Zabelê, e outros, mas os que estão vivos nos contam que, na época, esses mais velhos andaram até o Rio de Janeiro, Brasília e Salvador em busca do direito do povo. Foi muito difícil a luta deles, pois, muitas vezes, não tinha, nessas andanças, um local apropriado para dormir, nem mesmo alimentação. Eles demoravam meses caminhando para o Rio de Janeiro, às vezes gastavam seis meses caminhando para encontrar o que eles queriam. Até que, um dia, eles conseguiram com que demarcassem as terras conhecidas como o território de Barra Velha.

1.1 Plano de genocídio contra o povo Pataxó

Antes de demarcar as terras, o povo Pataxó sofreu uma emboscada, planejada certamente pelo governo, já que na visão deles não damos lucros financeiros e não nos adequamos aos modos de vida e aos controles do governo, sempre fomos vítimas de tentativa de genocídio, isto é, o extermínio sistemático do nosso povo, como no episódio que aconteceu e ficou conhecido como o "fogo de 51".

Por causa dessa tentativa de massacre, houve a última grande dispersão do povo Pataxó. Muitos de nós se afastamos de Barra Velha construindo outras aldeias sendo elas: Imbiriba, Boca da Mata, Meio da Mata, Águas Belas, Coroa Vermelha, Trevo do Parque, Mata Medonha, Corumbauzinho, Aldeia Velha, Guaxuma, Aldeia Nova, Pé do Monte, Cahy, Alegria nova, Tibá, Pequi e Craveiro. Sendo elas distribuídas nos municípios de Porto Seguro, Prado e Santa Cruz Cabrália. Anos depois alguns Pataxó decidiram migrar para o estado de Minas Gerais, em Itapeçerica e município de Araçuaí, Carmésia, Açucena outras aldeias Pataxó.

Outra consequência desse ataque foi que desde ano de 1951 até a década de 1960, o povo Pataxó passou a ser monitorado pelo o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), com a proibição de fazer roças e caçar. São muitos os

relatos de abuso de autoridade sobre o povo Pataxó após o "massacre de 51". Sofremos principalmente com a perseguição dos policiais que ficavam procurando os que tinham conseguido fugir para dentro das matas. Estes conseguiram sobreviver pegando piaçava durante a noite sem que os guardas os vissem, porque certamente seriam apanhados e maltratados, elevavam durante a madrugada para vender em Caraíva, um vilarejo que fica a 6 km da aldeia Barra Velha.

Na década de 1970, que o território de Barra Velha foi ampliado, mas por conta da intervenção da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), dando aos indígenas direito sobre o território, depois de tanta luta e persistência do povo pela garantia do território, no dia 20 de julho de 1988, o governo homologou 8.627 hectares no entorno de Barra Velha, como área de posse imemorial indígena Barra Velha. Em dezembro de 1991, por meio do Decreto 396, a Presidência da República homologou e demarcou o território de Barra Velha.

Em todo o tempo, o povo Pataxó teve e tem seus costumes, tradições, rituais nas aldeias e um dos que são praticados até hoje na aldeia Barra Velha é a do corte do cabelo dos kakusú (homem) que acontece de ano em ano no dia 18 de abril, e é exatamente como já havia descrito Maximiliano de Wied-Neuwied, que esteve em visita à região, entre 1815 a 1817, e fez uma observação sobre corte de cabelo dos Pataxó, sendo exatamente como acontece na aldeia.

No aspecto externo, os “patachós” lembram os “puris” e os “machacaris, com a diferença de que são mais altos que os primeiros como os últimos, não desfiguram os rostos, usando os cabelos naturalmente soltos, apenas cortados no pescoço e na testa, embora alguns rapem toda a cabeça e deixem só um pequeno tufo adiante e outro atrás [...]. (WIED-NEUWIED, 1940, p. 208).

Essa observação que ele fez a partir de sua viagem ao Brasil trata na verdade, de um dos rituais do povo Pataxó e que até hoje é praticado. Além desse ritual, existem outros que são praticados dentro da aldeia e que já foram igualmente descritos em outras publicações, como este que se segue:

O ritual do Awê é o único considerado “coisa dos antigos”. É “algo que sempre existiu e que nem os avós dos velhos sabiam dizer quando começou [...]. Parece que quando se fazia um Awê antigamente era uma única música/dança o tempo todo. Mas fazer um Awê é uma expressão que hoje se refere a contextos diferentes de festas [...] engloba um conjunto bem variado de coreografias, cada qual com um sentido determinado. (GRUNEWALD, 1999, p. 251 citado por POVOS INDÍGENAS NO BRASIL).

Veja o que dizem os professores indígenas sobre o Awê:

Nossos rituais representam cultura, luta, força e fé. A dança e a músicas são rituais muito importantes. Através do contato com a natureza, recebemos a força de Tupã, como por exemplo o ritual da Aruanda, que é uma planta medicinal feito para tirar maus espíritos. (BAHIA, 2005, p. 86).

Ainda sim, para nós Pataxó, não existe apenas um ritual, sendo apenas o Awê que aparentemente visto, por alguns, como sendo constituído apenas dos cantos; para nós, existe muito mais que isso e, em decorrer deste trabalho, citarei mais alguns, ainda que não sejam o foco deste trabalho.

O Awê é um dos que é mais visto e ensinado ao público, pois não há muito o que se preservar, porque o objetivo é que todos participem com alegria. Apesar de vários acontecimentos ele está cada vez mais forte dentro das comunidades Pataxó, e especificamente, em Barra Velha onde vivo.

1.2 Dispersões das aldeias Pataxós

A dispersão e a criação de outras aldeias em outros lugares fizeram com que alguns costumes levados fossem alterados, como alguns tipos de alimentação, algumas formas de tratamento entre si, o formato das casas etc. Junto dessas mudanças, os ritmos das músicas e até a forma de dançar também se modificaram.

Hoje se varia muito as danças de acordo com as aldeias, mas mantendo a mesma letra e melodia. Um exemplo disso é o Aruanda, que é uma música dançada de forma rápida e tem uma ginga de corpo que nem todos das aldeias Pataxó conseguem dançar. Os Pataxó da aldeia Pará, por exemplo, têm uma ginga maior ou molejo no corpo, enquanto nas outras aldeias não se dançam da mesma maneira. A se considerar a totalidade das outras aldeias, poucos dançam da mesma forma, geralmente não tem muito molejo no corpo. Por conta ainda da dispersão das aldeias, essas pessoas saíram diretamente de Barra Velha que hoje é considerada aldeia mãe. “Por ser o primeiro lugar onde o governo arrumou para o povo morar e parar de ficar andando” (POVO PATAXÓ, 2011). Depois do ocorrido dentro da aldeia no "fogo de 51", o povo que se escondeu dentro da mata voltou e repovoou a aldeia Barra Velha e, aos poucos, tem conquistado melhorias como a alfabetização, Ensino Médio, Posto de Saúde, estrada etc.

1.3 Barra Velha hoje e suas manifestações culturais

Atualmente, na aldeia as famílias sobrevivem de artesanatos, agricultura, pesca, ou trabalham por contrato na escola e algumas pessoas já têm comércio, e há anciãos aposentados. Hoje a organização da aldeia é feita pelo cacique, lideranças, chefe de posto. Qualquer acontecimento existente é passado ao conselho da aldeia, que discute, e depois repassa para o povo. O envolvimento dos jovens nas decisões hoje dentro da comunidade ainda é pouco. Entretanto, com a chegada de alguns projetos os jovens estão se interessando mais.

Com o movimento de resistência da cultura Pataxó, na tentativa de manter nossa cultura viva, temos feito o ritual do Awê, realizado toda lua cheia e que também é conhecido como o lual. Os estudantes juntamente com os professores e a comunidade, na semana do lual, se dividem em grupos e fazem as atividades para o festejo na aldeia. E aos sábados é realizado um ritual do Awê na casa de um ancião e outros membros da comunidade. Assim, os jovens que participam estão aprendendo as músicas que não eram mais cantadas, justamente porque, hoje, os anciãos estão novamente ensinando-as. Aprendemos também um pouco mais sobre a história de conquista do nosso povo e às vezes tomamos "puxões de orelha" dos mais velhos por demorar em despertar o interesse pela cultura. Eles passam os conhecimentos deles a quem participar do momento do encontro, e em todos eles, sendo no lual ou nos realizados nas casas dos anciãos.

Sempre estão presentes no Awê, o kawĩ, o beijú, o chá, a mukeka, a paçoca, o ouriço, o siri, e lenhas para fazer a fogueira. E isso inclui o uso do kuhú (rapé), e do timbero (cachimbo), que é defumador feito com ervas medicinal. Esses elementos são de grande importância no ritual do Awê, ao decorrer desse trabalho explicarei melhor cada um deles.

Durante o Awê, pela vinculação com a escola, que normalmente é quem organiza, são escolhidos grupos de estudantes para se apresentar durante o ritual. Cada um dos elementos que compõe esse ritual é representado. Na casa dos anciãos não tem isso, por ser um momento mais de ensinamento para os mais jovens que estão presentes. Além desses rituais, existem também outros momentos de realização do Awê, como no dia 19 de abril, que foi atribuído como dia do índio, ou na retomada de terras, ou na morte de algum membro da comunidade, ou mesmo por aniversário de alguém.

Existem outros rituais dentro da cultura indígena que são importantes e que nem sempre tem um canto, mas, tem outros ensinamentos como rezas e outros como afirma Raonir:

porque o povo pataxó tem muitos rituais, [...], por exemplo, uma parteira uma benzedeira antes de ela fazer seu trabalho ela tem toda uma preparação ela tem um ritual pra poder fazer, dentro dos próprios rituais dependendo de cada ritual é utilizado um tipo de medicina também diferente também então tudo isso aí tem dentro do awê pataxó.

1.4 Influências de outras culturas dentro da comunidade Barra Velhas

Hoje, infelizmente, alguns deles não são mais praticados por conta da influência de outras culturas não indígenas. Um dos exemplos disso foi o que aconteceu desde a chegada da TV. Mesmo quando a TV era usada utilizando um motor gerador de energia, as pessoas já não estavam, dando valor às histórias orais, e brincadeiras, por conta de estarem em casa assistindo novelas. Isso piorou com a chegada da energia elétrica, pois junto com ela veio o aumento da quantidade de TVs, e, mais recentemente, a internet, muito utilizada pela geração dos jovens que está na comunidade hoje. Alguns não usam-na de maneira adequada, fazendo com que se afastem de sua própria cultura. Além dessas coisas, temos ainda algumas das religiões, que proíbem os que as seguem de praticar o ritual ou até mesmo de usar seus trajes nos momentos de comemorar alguma dessas “festas”.

2. CAPÍTULO 2: AWÊ

O Awê ou Toré é um dos rituais realizados com mais frequência pelo povo Pataxó, e consiste numa reunião em torno de cantos e danças, na busca da união e de forças positivas para a aldeia. O nome Toré é mais usado pelos mais velhos e, segundo a entrevistada Inglis Sales, havia uma anciã da aldeia Meio da Mata que sempre que ela ia dançar o Awê ela dizia Toré, e todos já sabiam que iam fazer a dança: *“aqui tinha uma anciã, que faleceu infelizmente... porque ela sempre tava fazendo o toré como ela chamava”*.

Para nosso povo, ambos têm o mesmo significado, sendo que esse ritual é um dos considerados sagrados para os Pataxó e, que hoje, especificamente aldeia Barra velha, é um dos mais usados dentro da comunidade. Ele serve para reunir as pessoas da aldeia. É uma forma de união utilizada tanto para o festejo, quanto para luto, em busca de momento de união e concentração de forças, onde buscamos energias positivas para o momento independente de qual seja ele.

Segundo Inglis Sales, *“O awê também significa união, amor, espiritualidade”*, isso mostra que esse ritual é uma forma das pessoas se sentirem mais seguras, mais fortes espiritualmente, e isso acontece principalmente quando todos entram no início da oração e a energia é transmitida.

o awê significa o amor, a união e para os mais velhos significa espiritualidade com a natureza. cantar, dançar não é apenas uma diversão ela traz comunhão, segurança com a natureza, transmite energia” (entrevista Inglis Sales).

[...] Quando falamos do nosso awê sabemos que temos que ter é... um sentimento né?... por que assim temos ritual que é cantado, e que as vezes está cantado ali está sendo interpretado então quando nós vamos fazer nosso ritual sagrado nós temos que interpretar ele né... nós temos que entender o que nós tá fazendo pra ele se torna sagrado, por que quando estamos cantando e dançando estamos pedido força da mãe natureza essa mãe natureza e o que a mãe natureza é pra nois? O que ela nos trás? Ela trás força né?... alegria né?... sentimento profundo também pra gente pensar naqueles guerreiros, naqueles parentes que já se foram também e buscar dela da nossa natureza da nossa íbá da nossa hãhã né?... a força profunda porque é isso que nos fortalece...” (entrevista Tõhõ Pataxó).

Uma de nossas lideranças, o vice-cacique Raonir, ainda distingue a maneira como ele pode ser encarado:

o nosso awê, o awê em si ele é um, né, ele pode ser uma cerimônia e pode ser um ritual, mais aí depende muito das musicas que são cantadas e são dançadas nesse momento. (entrevista Raonir).

Mas, conforme ele próprio diz, não é em todos os momentos do ritual que se pode cantar qualquer canto:

pra ser um ritual mesmo de cerimônia espiritual tem que ser pessoas preparadas pra aquilo tem que ser um momento pra aquilo[...]quando agente vai fazer um awê um awê ali aonde vai mulher, homem aquilo se torna um simples awê, mas quando é um awê de cerimonia de espiritualidade é diferente, muito diferente, por exemplo, vamos marcar uma cerimonia mesmo de espiritualidade dentro do awê, quanto o homem e quanto à mulher eles não podem ter, questão de relação sexual porque acaba quebrando a essência da espiritualidade que acontece dentro da cerimonia, uma pessoa preparada espiritualmente sabe quem tá preparada para participar daquela cerimonia, então tudo isso tem dentro dos nossos cantos da nossa dança dentro do nosso awê. (entrevista Raonir).

Em uma roda de Awê simples todos participam, mas, nem sempre cantamos todas às músicas, pois o repertório é muito grande, são várias as músicas e em uma noite só não damos conta de cantar todas, pois os rituais simplificados são festejos em que vão muitas crianças, homens e mulheres e nem todos tem o pique de ficar "agarrado a noite toda dançando e cantando". Geralmente, nesses encontros sempre nós cantamos a nossa experiência de vida, a nossa história. Temos uma grande e rica cultura, e valorizamos sempre os cantos mais antigos.

Musicas antigas do nosso povo elas traz uma essência muito forte da própria luta da própria trajetória do povo, por exemplo, quando tem nossos mais velhos dançando você sente muito forte, aí vem à questão do respeito no próprio ritual a sinceridade porque é um trabalho, não é simplesmente uma festa um festejo, é uma questão de que se traga ali uma história uma trajetória de luta do nosso povo. (entrevista Raonir).

Em todos os rituais sempre iniciamos com um desses cantos "Kanã pataxí petoï" ou "Goiá miãga", que são considerados cantos de oração.

Antigamente era só o pajé que entoava o canto de abertura, e os outros ficavam em fila em pé e parados, assim, o canto era entoado: "meu caboco / meu cabelo é loro / aonde eu nasci / na aldeia de ouro / num chore não / pra que chorar / e meu pajé aqui noisvei brincar" (entrevistada Anaídia).

Nos tempos de hoje todos se ajoelham em forma de respeito e agradecimento, a Niamisũ (Deus), começamos a cantar pelas coisas que ele já têm nos dado e até mesmo por essa capacidade que ele nos deu, de nós indígenas terem uma ligação com a

natureza, pegamos isso como uma missão de cuidar dela, e também uma forma de pedir proteção, força, harmonia um com os outros para juntos estar bem, e fazer as coisas seguindo a tradição, por exemplo, como usar as raízes na produção de remédios para pessoas enfermas, como confeccionar o arco e a flecha, como usar escudo na luta pela proteção das nossas terras; confiamos em um ser que nos dá sabedoria para usar cada um desses elementos, e retribuímos a ele por essas bênçãos, cantando, dançando, em todos os momentos. Esses cantos são usados em todo início, meio e fim do ritual do Awê.

A oração "Kanã pataxí petoĩ" hoje é cantada como oração dentro do ritual. O canto consegue alcançar todos que estão participando do Awê; se todos verdadeiramente entrarem em uma só sintonia todos conseguem ficar em comunhão com si próprio e com o ambiente em que está sendo praticado o ritual.

"Goiá miãga", oração criada pelo povo Pataxó, traz a mesma harmonia, quando as duas são cantadas realmente com a alma, todos que estão participando conseguem sentir a mesma essência que o canto traz.

A oração de início serve para receber todas as energias boas, assim, depois da oração vem uma seqüência de cantos mais antigos, e atuais e, por último, o canto de encerramento, que é o momento de se despedir e também agradecer pelo que foi ali realizado.

2.1 A preparação para o Awê

Essa preparação envolve a vestimenta de trajes especiais, o uso de elementos inalantes, a alimentação, a pintura corporal, a fogueira e o canto, ao qual darei maior ênfase.

Durante a preparação do ritual, alguns jovens que tem habilidade em pintar, preparam os parentes pintando-os para o ritual: pintam suas costas, rostos, às vezes, os braços e pernas. As pinturas dos homens são diferentes das mulheres e crianças, pois cada uma tem significado diferenciando as compromissadas das solteiras.

2.1.1 Vestimenta

Durante o ritual usam-se os trajes como: massaká (colar), urataká (cocar), tupsay (roupa indígena).

Massaká (colar)



Imagem 1: Detalhe do colar. Fotografia de Alessandro dos Santos. 2014.

Colar produzido de diversos tipos de sementes e linhas com peças específicas para homens e mulheres e são produzidos mais pelas mulheres.

Urataká (cocar)



Imagem 2: Cocar. Fotografia da Tananawara Vieira. 2016.

Feito de penas da asa de pássaros e fabricado, na maioria das vezes, por homens da aldeia, e não se diferencia muito dos cocares usado pela as mulheres.

Tupsay (roupa indígena pataxó)



Imagem 3: Vestimenta usada no Awê do dia 19 de Abril. Fotografia de Alessandro dos Santos. 2013.

Roupa indígena feita de estopa ou tabu, usada por homens e mulheres, sem padrão de tamanho pode ser longa ou curta depende somente de quem vai usar.

2.1.2 Alimentos

Kawĩ



Imagem4: Kawĩ .Fotografia de Alessandro dos Santos. 2014.

Bebida feita de mandioca produzida pela as jokana (mulheres). Existe uma ciência para a produção, conhecida só pelas mulheres, para o kawĩ sair perfeito e poder ser bebido durante o ritual do Awê.

Chá



Imagem5: Chá. Fotografia retirada da internet.
Disponível em: <www.anutricionista.com>. Acesso: 3 maio 2016.

Pode ser preparado com ervas, (erva cidreira, capim santo, alecrim, erva doce, cravo), também é produzido pela as mulheres.

Mukeka



Imagem6: Mukeka. Fotografia de Alessandro dos Santos. 2014.

Para amukeka, os kaksú que pescam o mukusuy (peixe), dependendo do kaksú, já entregam para as jokana, tratados ou elas mesmas têm que tratar, e limpá-los, e junto com o mukusuy também é entregue para elas a folha de patioba (palmeira), para cozinhar amukeka. Alguns kaksú também sabem preparar.

Paçoca



Imagem7: Mukeka. Fotografia de Alessandro dos Santos. 2014.

Feito pelas as jokana, o coco é descascado pelos kakusú, e depois é ralado pelas as jokana e misturado juntamente com o aipim.

Beijú



Imagem 8: Beijú. Fotografia de Alessandro dos Santos.2014.

Feito de goma e puba (processo químico da mandioca). Há outros alimentos que fazem parte da nossa alimentação nos momentos do Awê, como o: siri, caranguejo, concha, ouriço são marisco colhidos nas pedras na praia ou no manguezal, porém, esses alimentos têm temporada para pegá-los, assim, nem sempre estão presentes nos rituais.

Kuiúna (farinha)



Imagem9: Kuiúna. Fotografia de Alessandro dos Santos. 2014.

Farinha de puba ou farinha de mandioca que é o acompanhamento para a degustação dos mariscos e da mukeka.

2.1.3 Inalantes:

Kuhú(rapé)



Imagem10: Kuhú. Fotografia de Tanawara Vieira. 2016.

Feito de ervas medicinais como: a amesca, folha de laranja da terra, folha de fumo, noz-moscada e favaquinha;o pó dessas folhas torradas no fogo, pisadas e moídas, servem como remédio como no caso de gripes e resfriados.

o kuhútxuhy que é um rapé a onde é , faz dança, recebe dança, então num é um rapé comum é um rapé de cura, um rapé de trazer conhecimento, trazer niamisũ, bom né?,então assim eu recebi é pra mim fazer essa mistura de folhas de ervas para fazer esse kuhú, né!, tem vários kuhú aí né. (entrevista Kanatyo Pataxó).

Timbero (Cachimbo)



Imagen11: Timbero. Fotografía de Txihí. 2015.

Feito com ervas sendo elas a Aruanda, amesca, alecrim e fumo, as erva são queimadas e serve como defumador, não irrita os olhos e é usado durante o ritual.

A Fogueira



Imagem12:Fogueira. Fotografia de Jarauí. 2016.

Durante o Awê a fogueira é essencial, os kakusú pegam a lenha na mata durante o dia e a levam para o lugar em que será realizado o ritual, deixam a fogueira preparada, e, durante a noite, ou pouco antes de começar o ritual, o responsável por ela, acende, para as pessoas que forem chegando já ir entrando no clima da festa.

2.1.4 Instrumentos musicais usados

Marakãynã (maracá)



Imagem13: Maracá. Fotografia de Tanawara Vieira. 2014.

Feito de cabaça ou coco com sementes seca para dar o som, e um pedaço de madeira para dar apoio na hora de "bater o maracá", de tocá-lo.

Tambor



Imagem14: Tambor. Fotografia de Tanawara Vieira. 2016.

Feito de madeira com couro de animais, usado diretamente nos rituais, para marcar ritmo, principalmente quando se canta cantos mais agitados.

Arco e Flecha



Imagem15: Arco e flecha. Fotografia de Alessandro dos Santos. 2014.

Não é só instrumento de caça, mas também de dança, feito da palmeira do pati. Nas flechas são utilizadas penas, para dar estabilidade e ganhar velocidade quando for lançada, além de ser enfeite.

A Pisada e a Voz



Imagem16: Pisada. Fotografia de Alessandro dos Santos. 2016.

São instrumentos que não são objetos, e são usados na hora do canto fazendo toda diferença. É necessária somente uma entrega de espírito para que tudo entre em harmonia.

Esses são os elementos usados no ritual do Awê, e todos eles têm uma função importante dentro do ritual, antes disso tudo ser usado, há toda uma preparação, para que no Awê possa ser usufruído de forma que ninguém seja prejudicado, porque pode acontecer de alguém passar mal, se, por acaso, na hora da preparação do alimento, por exemplo, não ter sido preparado de forma adequada; se a pessoa não estiver com o corpo fechado durante o ritual ela pode não se sentir bem. A força que os elementos têm podem afetar naqueles que não estão preparados espiritualmente e que, talvez, possam estar ali apenas por brincadeira.

2.1.6 O canto

São músicas cantadas durante o início até o final de todo ritual. Existem cantos que são mais alegres em que se expressa o êxito por uma boa caçada ou até mesmo a alegria pela visita dos parentes de outras aldeias, assim como a despedida no encerramento do ritual ou na morte de um parente. Neste caso, são cantadas como uma forma de consolo e também dando força para os familiares. Os cantos também são entoados durante retomadas de terra ou uma mobilização demonstrando força, coragem, resistência. Durante um casamento em que se celebra a união entre casais, os cantos são de extrema importância. Para o povo pataxó eles trazem uma significação dentro do ritual.

2.1.7 O ritual

Depois de todas as etapas feitas, todos se reúnem no local onde será realizado o ritual, e as pessoas que participam se organizam e, só então, que começam a cantar a oração e os outros cantos, independente do que esteja se concretizando, sendo o momento de festejo ou não. Depois do ritual as pessoas vão se alimentar, e, se por acaso for um momento de luto, todos que se faz presente vão dar seu apoio da melhor forma possível.

O repertório de cantos pataxó é tão vasto que, em um ritual, não damos conta de cantar todos. Geralmente as composições das músicas retratam o dia a dia do povo, sua alimentação, luta e pesca e de tudo um pouco. Com esses cantos, aprendemos a dançar e a cantar e, com isso, aperfeiçoamos a língua, sabemos mais sobre a nossa história. Os cantos são sempre cheios de sabedoria, onde quem participa e tem interesse aprende mais a história do nosso povo. Os cantos servem também para isso, para fortalecer sempre nossa cultura e a história do povo Pataxó.

3. CAPÍTULO 3: CANTOS COLETADOS

3.1 Oração

Kanã Pataxí petoĩ: essa oração é usada quando começamos a cantar; buscamos o máximo de comunhão possível para que durante todo o ritual todos possam se sentir bem, porque na oração pedimos a Niamisũ que nos ilumine nos proteja e que fique conosco durante todo o ritual.

*Kanã pataxí petoĩ
Baixutxê nãahã pokaiaré
Ahnã petoĩ puhuy
Ahnã petoĩ akuã
Ahnã petoĩ sara dxahá txôp haré
Kahab'txê siratã
Dxahá umip apôy umip mayõ*

Goiá miãga: Esta oração é uma forma de agradecimento a Niamisũ pelo o alimento que ele nos concede o dia a dia.

*Goyá miãga de airy, keroĩ kuiûna keroxi.
Kehemomê keteinó, bayxó mukeka aromató.
Warukã paty baré mirapé jêgri tehemeré*

Depois que terminamos de cantar a oração, um dos participantes do ritual inicia o canto, começando sempre com os cantos mais antigos, para que os jovens dessa nova geração possam aprender a letra e cantar junto com eles. Algumas dessas músicas cantadas no Awê são:

3.2 Antigas

Tapuia gentir: este canto retrata um pouco sobre o primeiro contato do povo Pataxó com os idxihí (não indígenas), da luta que passamos e que passamos ainda por conta da terra, e é uma certeza de que estamos exatamente onde nosso Niamisũ deixou, que independente das lutas que vieram e virão, vamos sempre estar com canto nos lábios porque isso sempre nos deu força.

*Eu sou um tapuia gentir
Minha mãe valorosa tupi
Na mata não sinto frieza
Minha mãe gentir Iraci
Quando branco chegou nessa terra*

*O Monte Pascoal ele viu
Fez a tinta do pau cor de brasa
fez a tinta escreveu o nome do Brasil
Pataxó estava nessa hora
Ele conta ele escreve ele viu
Por isso que se comemora o dia 19 de Abril
Todos nós é filho dessa terra
Todos nós é filho de Tupã
Somos nós os primeiros brasileiros
Somos nós o filho de ãã ãã.*

Caboquim da pele preta: este canto é como se fosse um despertar para as pessoas que estão apenas observando o ritual. Além de despertar as pessoas, ele faz um chamando aos seres encantados. Desta forma, quando o canto é entoado os parentes que estão de fora, entram para participar juntamente com os que estão dentro da roda.

*Caboquim da pele preta awê awá
Vem cá vem cá
Quem tá dormindo acorda já
Awê awê awá se meus caboco for embora eu vou buscar
Olha a palha do coqueiro
Olha lá vem cá vem cá
Vem cá vem cá
Quem tá dormindo acorda já
Awê awêawá se meus caboco
for embora eu vou buscar.*

Bahia terra de Salvador: este canto fala sobre a luta que o povo passou, das conquistas que tivemos e que nunca vão desistir de alcançar, como alvo a ser conquistado, por mais que houver idas e vindas.

*Bahia terra de são salvador
Viemos da tribo valente
Andamos para frente e voltamos para trás
Nós somos índios queremos chegar*

Eu sou índio guerreiro: este conta um pouco da experiência do povo na sua caçada, e de suas aventuras que temos ao entrar na floresta, e ensina aos kitok / ihé, a preservar a natureza.

*Eu sou um índio guerreiro
Eu vou pra mata caçar
E lá do alto, daquele pé de serra.
Aonde eu vejo a arara avoar
Olha o canto dessa arara
É um canto de muita beleza
Não podemos destruí
As coisas da nossa natureza (2x)*

No galho da oliveira: este canto, como no do "eu sou índio guerreiro", também relata sobre a caçada do povo pataxó, e como era importante ser um bom caçador, pois no ensinamento sobre caçadas, os txihí (índio) aprendem que só tem que matar o que precisam para se alimentar, e não por maldade, como faz o não índio.

*No galho da oliveira
Onde a arara foi a pousar
No caça a caça índio guerreiro
Mate a arara não deixe ela avoar*

Eu vou com meu puhuy: este canto descreve como acontece o festejo do dia 19 de abril, uma data marcante para todos os povos indígenas, existem etnias que passam-no como luto, mas para o povo pataxó é como uma conquista e momento para reflexão, então, é festa e ritual. Esse canto fala sobre o traje e o alimento que é servido no dia que acontece isso, mas a entoamos também nos outros rituais, pois como sabemos todo dia é o nosso dia.

*Eu vou com meu puhuy
Com fé em nosso tupã
A minha aldeia é Pataxó
Eu sou tempo de ãña, ãña, ãña
Hoje é o dia do índio
Hãmea o awê awá
Goyá kawĩ da minha aldeia
Sou ãtiato a xavaská
Íhé nossos kitok
Jokana e kakusú
Hãmea o awêawá
Todos pintados de urucum
O meu koká e meu colar
O tupsay é uma beleza
Com as penas de passarinho
E todas cores da natureza*

Tava sentado na pedra: este canto fala sobre o encanto que tem na natureza e dos espíritos que neles nós acreditamos.

*Tava sentado na pedra
Esperando meu naô passar
Pisando na nossa aldeia
No encanto da juremar
Heá heá heô heá heá heô (2x)*

Orisá meu orisú: este canto fala sobre a produção dos artesanatos que são feitos na aldeia, e quando as pessoas saíam para andar e vender ou fazer trocas com os idxihí

(não indígenas) fora da aldeia, relatando também que sempre os homens na saída levavam seus puhuy (arco) para se proteger e, quando voltavam de suas andadas, todos iam ao rio para tomar banho.

Orisá meu orisú (2x)
Kakusú com seu puhuy (2x)
Massaká de pakarí (2x)
Tô andando por aí (2x)
Awêawáawêawá (2x)
Watxatxú aratibá (2x)

Ô xôxi eu sair da minha aldeia: este canto fala que quando as pessoas saíam da aldeia Barra Velha para ir a outro lugar dançar, eles chegavam lá e entoavam esse canto para os parentes. E para o povo Pataxó é de uma importância muito grande ter a bênção dos pais no cotidiano e, principalmente, antes de sair para qualquer lugar, pois foi sempre assim como uma forma de respeito aos mais velhos, dentro da cultura Pataxó.

Ô xôxi eu sair da minha aldeia 2x
Muntado no meu cavalo com espada assim de lado
Quando eu saía a minha mãe abençoava 2x

Vou caçar: este canto assim como "No galho da oliveira" e "Eu sou um índio guerreiro" falam sobre a caçada. O povo sempre faz questão de registrar o quanto é importante respeitar a natureza e colher apenas aquilo que precisam, pois, todas as vezes que saímos, sabemos que Tupã (Deus), sempre nos acompanha, e isso não deixa que nada nos amedronte.

Está na hora eu vou caçar
Eu vou contente com meu puhuy
Eu vou correndo pela mata a fora
E uma caça eu vou matar
Não tenho medo de nada vida
Vou com tupã no meu coração
Até o dia amanhecer quando eu voltar lá pro meu hãhãw
Quando eu chegar tudo é alegria
Ai meu povo vai me receber
Nós vamos festejar até o novo dia amanhecer
Eu sou um índio brincalhão
Na brincadeira eu sou maior
Quem quiser me conhecer
Vai lá na aldeia Pataxó
Foi aqui que eu nasci
E só não posso desprezar
As nossas brincadeiras, / Que nunca vai se acabar.

Adeus Monte Pascoal: este era cantado quando o povo voltava do Monte Pascoal e retornava para a aldeia onde moravam. Eles iam visitar e faziam o ritual, e quando terminavam, eles cantavam esse canto e iam embora. O Monte Pascoal é um lugar histórico e de um significado muito grande para o povo Pataxó.

*Adeus Monte pascoá
Que do alto do mar eu vi
A tribo dos pataxó
A terra aonde eu nasci*

Os cantos antigos sempre retratam de que maneira os mais velhos viviam, por que antes tinha mais fartura de caça, menos casas, mais área de floresta; hoje, já utilizamos mais os alimentos industrializados, e as caças e outros recursos foram substituídos por eles, e as áreas que eram com mata já estão com casas, e raramente nos dias de hoje matamos as caças.

Depois de cantarmos os cantos antigos, cantamos em seguida os cantos atuais que retratam a alegria do povo em estar na aldeia. A maioria desses cantos atuais são mais na língua Patxôhã (língua de guerreiro Pataxó) por conta da prática da língua e uma forma de ensinamento para "firmar" as palavras em Patxôhã.

3.3 Cantos mais recentes

Pataxó muká mukaú: este canto fala da união do povo Pataxó e da alegria que tem por todos estarem se alimentando das comidas típicas e dançando o Awê.

*Pataxó muká mukaú
Muká mukaú (2x)
Pataxó mayo werimehe
Mayō werimehe (2x)
Ehtō ehtō ehtō Pataxó (2x)
Kotê kawí suniatá heruê (2x)
Heruê heruê heruê heruê (2x)*

Pataxó txihí aponãhí: este canto fala da alegria do povo em viver feliz na nossa aldeia, com natureza e preservando sempre a nossa cultura, retratando a luta pela nossa terra a qual chamamos de amiga.

*Pataxó txihí aponãhí
Kahab'xó aponãhí ãxé napinatō pataxí
Iê tanara mê'á akdxihí dxahá hôtehō
Uênahá'xó iê napinatō pakhê*

*Hôtehõ mê'á txihí aponāhí
Mê'áikhã 'xó ãxé karnetú hãhãõ
Heyná heyná há (4x)*

Dawê hayõ: este se canto fala sobre a amizade, de estar cantando e dançando com os parentes e também agradecendo a Niamisũ (Deus) pela a união.

*Dawê hayõ(2x)
Ahnã kanã kahtonetú
Txuhap suniatá hamiá
Dxahá anehõ awêry tupã (2x)*

Ahõhê: este canto fala sobre o bem estar da nossa aldeia e da alegria de estar realizando o Awê.

*Ahõhê tõhnõ napinatõ pataxí
Imãmakã torotê aponāhí
Awê awê awê heruê
Heruê awê awê awá*

*Txihi Pataxó tokerê suniatá
Hamiá dxahá niamisũ
Awê awê awê heruê
Heruê awê awê awá*

Tuhutary paxixá: este canto fala sobre o festejo de cantar e dançar com os parentes na aldeia, retratando a paz e alegria. Cantos esses que são entoados durante o momento do ritual.

*Tuhutary paxixá
Suniatá hãmiá
Hũ iõp Kanã taputary
Uĩ hãhãw Kanã pataxí pataxó
Tokerê ihéy iõ kawatá hibá kamayurá
Uhitué hũ nitxi wekanã
Mukayrá niamisũ apôy
Hotehõ niamitãg
Niamisũ apôy hotehõ niamitãg*

Xõhã taputary: este canto fala sobre o cumprimento dos parentes um com o outro, de um dia alegre, da beleza do céu, da lua, da alegria das famílias e da alegria de estar com Deus.

*Xõhã taputary hayõkunã
Iõ siratã ãg itohã
Pataxó suniatá Kanã pataxí
Iõ siratã torotê aponāhí*

*Pataniomã kitôk taputary ihéy
Ãgohó hukab atxuab'hê henahô
Hêhêhêhêhê ô*

Japoterú ahnã ágwá'ré: este canto fala sobre a importância que tem em se usar o instrumento do Maracá que nos cantos é usado como um incentivo para as pessoas começarem a entrar e dançar, no momento em que se entoa os cantos.

*Japoterú ahnã agwá'ré
Parnê niमितãg upú suniatá
Ahnã suniatá dxahá tupã
Dxahá Tupã hotehõ juremá*

Iõ hayõ: este canto fala sobre os objetos de uso no ritual, como a lança, a flecha e o maracá, que são instrumentos usados pelo os parentes na hora de dançar, sendo também uma forma de representar o que era e é usado em momentos de caça.

*Iõ hayõ torotê japô'txê pataxó
Dxahá hamiá peteniãg
Kaupetõ takap akuã maraká*

A lua clareou:este canto é como uma homenagem à lua cheia, onde o povo se reúne para festejar, mas independente de ser lua cheia ou não, cantamos e dançamos do mesmo jeito.

*A lua clareou os índios pisou na aldeia (2x)
Ô pisa meu caboco pisa pisa em nossa aldeia (2x)*

Massaká: este canto fala sobre a fabricação do artesanato, e algumas das sementes que são usadas como o mata passo, mauí e pakarí. O búzio e a corda de tucum, são outros elementos que eram usados na produção dos colares, mas, hoje em dia, o tucum já não é mais utilizado pelo os artesãos,sendo substituído pela linha urso (linha encerada), como é conhecida nos dias de hoje.

Faço massaká com mata passo faço massaká com mauí(2x)

*Faço massaká com buzo e também com pakary (2x)
A corda é de tucum de tucum mirim (2x)
Faço massaká baixú que também serve pra mim (2x)
Depois eu vou vender e pego o kaiãbá (2x)
Pra comprar tupsay e depois eu hamiá (2x)
Aqui na minha aldeia eu quero hamiá (2x)
Com ihé baixú e jôkana baiká (2x)
Hamea ihé, ihé baixú (2x)*

Hameakitok com seu bajaú (2x)

Além desses cantos que são na língua Patxôhã, temos cantos que como dizemos na aldeia, cantos pesados ou para cabocos, espíritos indígenas que visitam o povo durante o ritual do Awê. Esses cantos exigem um esforço e uma preparação maior do corpo, para cantá-lo e dançá-lo. Dentro do ritual do Awê existem passos que vão mudando de acordo com os cantos que são entoados, podemos dizer que esses passos seriam classificados nos ritmos: rápido, moderado e lento. Geralmente esses cantos que são de ritmo rápido são entoados antecedendo o termino do Awê.

3.4 Cantos classificados como rápidos

Aruãda aruãdê: este canto fala sobre uma erva medicinal que é usada pelos os guerreiros para defumar o espaço que será realizado o Awê, antes e durante o ritual. Ela também é usada no timbero (cachimbo), e solta uma fumaça que tem um cheiro agradável, não irrita os olhos, e que muitos usam para dor de cabeça.

*Aruãda aruãda aruãdê
Aruãda aruãda aruãdá*

Guerreiro de pena:este canto fala sobre os guerreiros e suas conquistas e lutas pela terra, e é onde os encantados,às vezes, se manifestam nas pessoas para dançar, e outras vezes eles estão presentes, mas não se manifestam.

*Guerreiro de pena escreve na areia
Escreve na areia meu guerreirinho
O nome da aldeia*

Besouro preto guerreiro: este canto assim como o "Guerreiro de pena", é uma forma de estar recebendo os encantados dentro do Awê para participar junto com os parentes.

*Besouro preto guerreiro
A aldeia tá lhe chamando,
Se quiser venha logo
Deixa de tá me enganando.*

Xohã kamayurá kamarutê: esse canto retrata a força do guerreiro, um canto de resistência onde só os homens participam.

*Xôhã kamayurá kãnaytêhê
Xôhã kamayurá kãnaytêhê.*

Depois que entoamos tais cantos, encerramos o ritual com canto de despedida, agradecendo e sempre dizendo que vamos voltar “Dawê mayõ ihé: eu já vou mais eu vou, mas está sempre pronto pra poder voltar”.

Hamea jôkana: Em nosso ritual este canto é dançando apenas pelas mulheres durante o ritual do Awê, retratando a força da mulher dentro da aldeia, sendo também como um símbolo de respeito às guerreiras que já se foram e que lutaram juntamente com os guerreiros em suas conquistas.

*Hemea hemea jôkana
No tupawêy jôkana*

3.4 Cantos de encerramento

Dawê mayõihé: este canto é uma despedida e uma certeza, de que o pessoal que está participando ali vai para casa; eles saem com a confiança de que no próximo ritual eles vão estar ali prontamente para festejar outra vez.

*Dawê mayõ ihé
Dawê mayõ ixê
Despedir do meu naô
Meu não haxānawê*

Ãgwa'ré: este canto é de celebração, encerramos com ele quando estamos em festa, e quando queremos homenagear uma pessoa, em despedidas, colocam a pessoa homenageada dentro da roda e todos dançam rodeando-a, e cantando para se despedir, enviando pensamentos e energia positiva a todos.

*Ãgwa'ré dxahá iõ itohã mê'á dxê
Ãgwá'ré dxahá iõ itohã mê'á dxê hãgnahay
Tanara merexó upú jiktayá suniatá
Uhitué apõnê miruã mê'áno maysõ
Kahabũxé hê ê êê
hê ê êêhuuu*

Pedreira: este canto é uma forma de encerrar um ritual, mas isto depende muito do lugar em que está sendo realizado e das pessoas que estão participando do ritual.

*Ô que pedreira era tão alta
E que do alto eu visto o mar (2x)
E já vou, e eu já vou
E eu já vou pra minha aldeia eu já vou (2x)*

3.5 Hino Pataxó

Esse canto é uma composição feita em honra do nosso povo.

*Brasil que vive alegre muito valoroso
Brasil que vive alegre para enfrentar
As nossas armas já estão seguras
E no momento manda me chamar
Barra Velha para ser feliz
Porque somos donos dessas terras
Ó pátria amada quando canta o seu hino
Os Pataxó compreendem seu destino.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante essa pesquisa, pude ouvir e observar o quanto meu povo mantém, apesar de todas as adversidades, a prática cultural do ritual do Awê Pataxó. Cada pessoa da comunidade participa por livre e espontânea vontade desses rituais, em especial do Awê. Chegam alegres e voltam do mesmo jeito, porque participam com a vontade de quem sabe o quanto é importante estarmos juntos entoando os cantos, preservando nossas tradições. Através de conversas entre pessoas da própria comunidade e pessoas as quais entrevistei, soube que, além do ritual do Awê, existem outros rituais, como o corte do cabelo, a reza, o batismo e tantos outros. Aprendi ainda algumas coisas com os meus entrevistados de outras aldeias, mas, em especial obtive conhecimentos maiores sobre o ritual com os anciãos da aldeia Barra Velha, o lugar em que vivo.

Os saberes que cada um dos anciãos nos tem passado não têm como objetivo serem escritos, descritos e registrados, pois a maneira como lidamos com esses conhecimentos é por meio da transmissão oral. Esses conhecimentos, eles guardam na memória, para que, no momento certo ou adequado, sejam ensinados e repassados, como acontece em rituais como o Awê. Durante a roda de ritual do Awê, sempre um dos anciãos ou até mesmo algum jovem fala sobre suas experiências como indígena, sobre lutas e conquistas. E ouvimos também as anciãs falarem sobre sua luta, a luta de sua mãe, a luta de seus parentes próximos, das primeiras pessoas que cantaram as músicas do Awê. Escutamos, ainda, afirmarem que através desses cantos veio a reconquista da terra, e que através desses cantos é que são narrados momentos reais que aconteceram ou que acontecem na aldeia. Isso nos mostra o quanto é importante cantar, pois o canto traz força, traz alegria, é uma forma de contar nossas histórias de vida, por isso é importante que cada canto entoado. E se não der pra cantar em um só ritual, o que freqüentemente acontece, vamos revezando sempre os cantos, a fim de não esquecer-los.

Registrar um pouco sobre o que esses cantos trazem dentro do ritual do Awê é de uma importância muito grande, para nós estudantes indígenas, aqueles que tiverem interesse em saber um pouco mais sobre a cultura Pataxó, ainda mais após da necessidade do estudo da História e Cultura Indígena, que se tornou obrigatório, desde 2008, por meio da Lei 11.645. É importante também que esse trabalho seja fonte de pesquisa nas escolas indígena Pataxó, para que haja cada vez mais registros da história do nosso povo e o registro de alguns desses cantos que fazem parte dos nossos rituais.

REFERÊNCIAS

BAHIA. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. *Professores indígenas povo pataxó- leitura Pataxó: raízes e vivências do povo pataxó nas escolas*. Salvador: MEC / FNDE / SEC / SUDEB, 2005.

CHÁ. In: Imagem retirada da internet. Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: 06 maio 2016.

CRUZ, Alessandro Santos da. *A memória viva das interações entre os povos parente Maxakali-Pataxó*. 2015, 83 f. Curso Acadêmico (licenciado em Ciência da Vida e da Natureza) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2015.

GRUNEWALD, 1999. In: POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo/2305>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

NASCIMENTO, Akerlan Santos. *A Musicalidade Pataxó: A música e os cânticos sagrados na aldeia Barra Velhos*. 2014, 58 f. Curso Acadêmico (licenciado em Matemática) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2014.

POVO PATAXÓ. *Inventário Cultural Pataxó: Tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia*. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

WIED-NEUWIED, Maximiliano de. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.